

RESENHAS

SASSEN, Saskia. As Cidades na Economia Mundial. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Ed. Studio Nobel, 1998. 190 pg.

ROSELI ALVES DOS SANTOS¹

No livro destaca-se a formação de espaços transnacionais nos quais se desenvolvem as atividades econômicas e o papel estratégico representado pelas cidades globais. A autora analisa algumas cidades e a sua transformação em espaços transnacionais, interligados mais entre si, que com os espaços regionais. Procura demonstrar ao longo dos sete capítulos, como a economia global se insere nas cidades, alterando sua estrutura social, organizando o trabalho, distribuindo ganhos e criando novos padrões de desigualdade urbana. Sua análise se baseia em diversos autores contemporâneos (Castells, Benko, Smith e outros) e em uma série de dados estatísticos, esquematizados em gráficos e tabelas que enriquecem o livro, trazendo muitas contribuições aos leitores que se propõem entender a economia urbana e o próprio desenvolvimento da economia global e seus impactos sobre o sistema urbano. Outra questão salutar, é o enfoque dado a constituição do lugar – expresso na figura da cidade que, ao contrário do que muitos autores afirmavam, não desaparece, nem se torna obsoleta enquanto entidade econômica, com o desenvolvimento das telecomunicações e ascendência da indústria informacional; todavia desenvolve novas formas de centralização territorial, caracterizadas pelo aprofundamento da economia global.

A autora faz, inicialmente, uma crítica à literatura que discute as cidades e a economia mundial, denominando-as de essencialmente domésticas quanto a sua orientação, criticando ainda o caráter comparativo dos estudos internacionais sobre as cidades, que acabam por cotejar cidades que não podem ser comparáveis. Nesse sentido, discute, nesta obra, as manifestações empíricas e conceituais recentes das economias urbanas, embora admita ser uma escolha limitada para dar conta das principais manifestações da globalização econômica sobre o sistema urbano.

As características da economia global, com o declínio do poder econômico e militar dos Estados Unidos, o desenvolvimento e expansão das multinacionais e dos bancos japoneses e europeus nos últimos anos, são fundamentais para a compreensão dos impactos da globalização sobre as cidades.

Com a nova organização da economia mundial, um limitado número de grandes cidades, passam a sediar os principais mercados financeiros e empresas prestadoras de serviços, evidenciando a sobreposição desses dois setores ao manufatureiro, sendo as corporações multinacionais as responsáveis pela organização da economia mundial, assim como dos mercados internacionais globais.

As mudanças provocadas pela globalização econômica se materializam a partir de três formas específicas: zonas de processamento das exportações; centros bancários *offshore* e cidades globais. “As cidades globais são os lugares chaves para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e ao gerenciamento das operações econômicas globais” (p.35). Elas concentram os centros *offshores*, que se

¹ Mestranda em Geografia pela UNESP – Presidente Prudente

localizam em várias partes do mundo e operam em grande parte com papéis, são verdadeiros paraísos fiscais que representam na economia mundial, as respostas que o setor privado encontrou para enfrentar a regulamentação governamental, objetivando a minimização ou a abolição dos impostos, além da certeza da lucratividade. As zonas de processamento das exportações, também se organizam em virtude de tais objetivos.

Para a autora, as mudanças citadas apontam para o surgimento de um novo tipo de sistema urbano, que opera em níveis regionais, globais e transnacionais. Neste sistema, as cidades são pontos centrais para a coordenação internacional e para a prestação de serviços das empresas transnacionais, sendo assim definidas como lugar estratégico da economia global.

O turismo é também um pólo de crescimento que se junta à tendência de crescimento das megacidades e de sua primazia resultante da internacionalização da economia, sendo que a migração serve tanto para acelerar como para desacelerar a primazia urbana, embora não elimine o crescimento das megacidades, através da forte tendência à aglomeração das atividades financeiras e de prestação de serviços transnacionais nas grandes cidades.

As cidades globais tendem a se desconectar de suas regiões, o que implica numa reformulação de antigos conceitos que acreditavam que os sistemas urbanos promovem a integração territorial das economias regionais e nacionais. Todavia, não há uma negação que a hierarquia urbana nacional ainda persista, o que se evidencia é a diferença entre as cidades que fazem ou não parte da articulação econômica em nível global.

Com a globalização econômica, um novo arranjo espacial urbano se destaca, no qual a orientação do núcleo econômico urbano não é dada pelas atividades manufatureiras, mas por um complexo financeiro e de prestação de serviços. "A implantação de processos e mercados globais, significa que o setor internacionalizado da economia expandiu-se profundamente e impôs uma nova dinâmica da valorização..."(p.77), as cidades passam a ser locais de produção para as principais indústrias que prestam serviços na atualidade, daí decorre o fato, das matrizes das grandes corporações, não estarem necessariamente localizadas nas cidades globais, afinal são os complexos de prestações de serviços que atendem estas empresas e que, portanto, necessitam de uma localização em cidades específicas, onde a aglomeração é fundamental, como forma de controle global exercida pelas cidades, expressando estas, o poder das grandes corporações.

Para exemplificar a formação das cidades globais, a autora utilizou-se de três cidades, que proporcionaram a compreensão da dinâmica dos processos contemporâneos de globalização, à medida que se materializam em lugares específicos, todavia, não estas consideradas as principais cidades globais. São elas Miami, Toronto e Sidney. A partir do enfoque de Miami, a autora ilustrou a dinâmica do crescimento, a partir da constituição de um complexo comercial para atender as demandas criadas pela globalização, baseadas em investimentos de corporações internacionais, que se fixaram neste território, apesar de não apresentar tradição histórica neste setor. Toronto, apesar de ter seu distrito financeiro estruturado somente nos anos oitenta, apresenta elevado índice de concentração no setor, inclusive com uma infra estrutura totalmente estruturada ou reestruturada para atendê-lo, demonstrando o poder de concentração espacial desempenhado por este setor. Em Sidney, por sua vez, ao invés de se desenvolver o sistema financeiro, seguindo a orientação multipolarizada do sistema urbano australiano, desencadeou-se a concentração dessa atividade, destacando-se como a principal área de destino de investimentos do mercado imobiliário e de prestação de serviços, sendo a única cidade mundial deste país. Sidney demonstra que a "ascendência das finanças e prestação de serviços, juntamente com a internacionalização, contribui

para a nítida concentração das funções estratégicas e dos investimentos em uma cidade”(p.117).

A concentração do setor financeiro e do complexo de prestação de serviços, a globalização das transações e a desregulamentação, aumentou a importância dos centros principais. Somente as cidades globais, apresentam, hoje, capacidade de lidar com os diferentes níveis de complexidade da economia internacional, onde se observa a reorganização da dimensão do espaço/tempo da economia urbana.

No livro: “As Cidades na Economia Mundial”, a autora resgata um determinado tipo de lugar – as cidades – e sua dinâmica e implicações no contexto dos processos globais, analisando as correlações de forças econômicas, políticas e técnicas, que expressam tendência ao aumento da polarização econômica e a constituição das cidades globais. Sem dúvida, o livro traz uma brilhante contribuição para a leitura das cidades num contexto de uma economia globalizada, demonstrando como a economia mundial produz as cidades globais e como estas em contra partida se tornam fundamentais para o desenvolvimento desta, apontando ainda para o nível de desigualdade que se estrutura nas cidades do mundo todo e especialmente demonstra que as cidades não estão no fim mas sim apresentam uma nova estrutura, fundamental no contexto da economia mundial configurada na atualidade.

São Paulo, cidade de destaque, nos índices de população e produção do espaço. A expressão “verticalização”, foi conhecida em meados de 1980 como “símbolo” do desenvolvimento urbano. O processo de urbanização também ocorre e tem efeitos importantes e a consequente ampliação da infraestrutura urbana (água, energia, luz e transporte). A cidade de São Paulo, desenvolveu novas funções como financeira, comercial e industrial. Mais tarde, em 1943, São Paulo tornou-se a maior cidade industrial da América Latina e surgem os planos urbanos. “Construíam-se as primeiras Arranha-Céus” cumprindo o que visava o código de obras vigente desde 1934. Nas décadas de 1960 e 1980, ocorreu a expansão do espaço construído horizontal e vertical, com a atuação do Estado sobre o urbano. Partindo disso, a autora delimita períodos de 1554 até 1892, desde o processo de produção de São Paulo, que mostra como ocorreu a verticalização, e que permite identificar certa “lógica” da (re) produção do espaço urbano. De exposto anteriormente, a autora enfatiza a reprodução do espaço urbano que teve como consequência a ampliação do espaço habitado e as profundas transformações na propriedade fundiária, onde a terra urbana passou à condição de mercadoria e reprodução do capital através da verticalização.

No mesmo tempo em que ocorreu a modernização dos processos produtivos pertinentes à verticalização, adquire também a reprodução do capital. Lembra-se de um trecho de livro: “a produção do edifício reflete a reprodução de múltiplas formas do capital”, quando a autora se refere ao capital fundiário, um bilário e financeiro.

Chama a atenção sobre outro aspecto, em que de um lado a verticalização implica na descentralização de vários setores como serviços e comércio. De outro, a verticalização fez com que houvesse o deslocamento das classes mais baixas que foram para a periferia, localizadas-se próximas as fábricas. Esse fato deve-se principalmente à valorização da terra urbana no centro, e que gerou a segmentação para a expansão da verticalização como forma de “blitz” e preço dos terrenos. Se resgatarmos este tema para a realidade de hoje, certamente teríamos que resgatar vários aspectos, pois atualmente quem desloca-se das áreas centrais até as áreas periféricas são os membros das vezes, em grandes países e em em cidades médias, as classes médias ou altas, por exemplo, através dos condomínios fechados.

¹ Leandro Páez Schmidt - Licenciado em Geografia pelo UFFPR-PR (1998) e aluno do Curso de Bacharelado em Geografia da UEM-PR (1999).